

WITTGENSTEIN E CABRERA: DIFERENTES PERSPECTIVAS EM TORNO DO PROBLEMA DA INDIZIBILIDADE ÉTICA

WITTGENSTEIN AND CABRERA: DIFFERENT PERSPECTIVES ON THE PROBLEM OF ETHICAL UNSPEAKABILITY

Filicio Mulinari e Silva

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Brasil
filicio@gmail.com

Resumo: A idéia central defendida por Wittgenstein na obra *Tractatus Logico-Philosophicus* afetou várias áreas e problemas tradicionais da filosofia como, por exemplo, os problemas éticos e metafísicos. Por este motivo, o objetivo do presente artigo é mostrar a relação entre a tese da referida obra, principalmente no que se refere aos limites da linguagem para com as questões éticas, e a tese exposta por Julio Cabrera em seu livro *O cinema pensa*, que aponta a arte, de modo especial o cinema, como um caminho alternativo para o problema da indizibilidade ética proposta pelo *Tractatus*.

Palavras-chave: Ética. Cinema. Teoria do Significado. Limites da Linguagem. Linguagem Referencial.

Abstract: The main idea advocated by Wittgenstein in his work *Tractatus Logico-Philosophicus* addressed many areas and traditional problems of philosophy, e.g. the ethical and metaphysical issues. For this reason, this article aims to show the relation between the thesis of the referred work, especially concerning the limits of language towards ethical issues, and the thesis proposed by Julio Cabrera in his book *O cinema pensa*, which points out art, mainly film, as an alternative way to tackle the problem of ethical unspeakability proposed in the *Tractatus*.

Keywords: Ethics. Film. Theory of Meaning. Language Limits. Referential Language.

Introdução

Um dos pensadores mais influentes do século XX, Ludwig Wittgenstein (1889-1951) foi referência para várias gerações de filósofos, não somente pelas questões que propôs, mas também pelo modo de como as tratou. Nascido em Viena e naturalizado britânico, seus escritos não só influenciaram as duas principais escolas do século XX – o Círculo de Viena e a Filosofia da Linguagem de Oxford –, mas também foram de grande influência para ampla parte dos filósofos e pesquisadores de quase todo campo das ciências humanas e sociais do século XX¹.

Normalmente se divide o pensamento de Wittgenstein em duas fases: o primeiro Wittgenstein, relativo principalmente as idéias expostas no *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921)², e segundo Wittgenstein, relativo principalmente as idéias expostas na obra póstuma *Investigações Filosóficas* (1953). Apesar de apresentarem teses diferentes, pode-se afirmar que a idéia central que perpassa as duas épocas remete a compreensão dos problemas tradicionais da filosofia por uma análise minuciosa da linguagem. Adverte-se que, devido ao curto espaço, neste trabalho será tomado como referência apenas a tese do primeiro Wittgenstein.

¹ STERN, 2004, p. 19.

² Daqui em diante citado apenas como *Tractatus*.

A ideia de uma limitação lingüística defendida por Wittgenstein na obra *Tractatus* afeta diretamente várias áreas e problemas tradicionais da filosofia como, por exemplo, os problemas considerados éticos e metafísicos, uma vez que tais problemas seriam vistos sob esta perspectiva como pseudo-problemas. Ressalta-se que a metafísica e a ética seriam pseudo-problemas – de acordo com o *Tractatus* - devido à impossibilidade de tais problemas serem expressos na linguagem discursiva (indizibilidade)³.

No entanto, a tese exposta por Julio Cabrera em seu livro *O cinema pensa* (2006)⁴, aponta a arte, de modo especial o cinema, como um caminho alternativo para o problema da indizibilidade ética proposta pelo *Tractatus*. Para Cabrera, a arte teria uma possibilidade referencial diferente da linguagem discursiva, o que possibilitaria a retomada de alguns problemas filosóficos, como os problemas éticos.

Por este motivo, o objetivo do presente artigo é mostrar a relação entre a tese do *Tractatus*, principalmente no que se refere aos limites da linguagem para com as questões éticas, e a tese exposta por Cabrera, em seu livro *O cinema pensa*. Primeiramente, serão abordadas as teses sobre os limites da linguagem presentes na referida obra de Wittgenstein para que, só após isso, se adentrar na tese de Cabrera que aponta a arte como forma de romper esses limites.

1. Os limites da linguagem segundo o *Tractatus Logico-Philosophicus*

Publicado pela primeira vez no ano de 1921, no periódico alemão *Annalen der Naturphilosophie*, revisado e reeditado no ano de 1922 (a primeira edição continha muitos erros), o *Tractatus* parte de uma crítica da lógica de Gottlob Frege (1848-1925) e Bertrand Russel (1872-1970). A obra carrega uma tese chave para o pensamento contemporâneo ao verificar que a maior parte das questões filosóficas carece de sentido por estarem fora dos limites da linguagem discursiva:

A maioria das proposições e questões escritas sobre temas filosóficos não são falsas, mas absurdas. Por isso não podemos em geral responder a questões dessa espécie, apenas estabelecer seu caráter absurdo. A maioria das questões e das proposições dos filósofos se apóia, pois, no nosso desentendimento da lógica da linguagem (São questões da seguinte espécie: o bem é mais ou menos idêntico do que a beleza?). Não é, pois, de admirar que os mais profundos problemas não constituam propriamente problemas. (*Tractatus*, 4.003).

A proposição final do *Tractatus* – muitas vezes mal compreendida – afirma que “sobre aquilo que não se pode falar deve-se calar” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 129). Esta proposição faz distinção entre o mundo da razão e das ciências naturais e o mundo daqueles objetos e temas que não podem ser enquadrados discursivamente de forma racional por não se referirem a fatos, como a ética, a estética e a religião (questões que envolvem algum tipo de

³ “Fazem-se necessários, aqui, alguns esclarecimentos. Em primeiro lugar, é importante perceber que a tese da linguagem como o meio universal implica, fundamentalmente, antes a inefabilidade da semântica do que a sua impossibilidade, no sentido de que aquele que crê na linguagem como o meio universal pode, contudo, ter idéias tão numerosas quanto precisas acerca das conexões linguagem-mundo, que constituem o objeto da semântica. No entanto, essas relações não são exprimíveis, caso se creia na visão da linguagem como meio universal” (HINTIKKA, 1994, p.21).

⁴ CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro, Ed. Rocco 2006.

valor). Em relação a este último mundo – mundo das questões valorativas –, salienta-se sua inexprimibilidade discursiva:

6.41 O sentido do mundo deve estar fora dele. No mundo tudo é como é e acontece como acontece: nele não há valor — e se houvesse, o valor não teria valor. [...]

6.42 Por isso não pode haver proposições da ética. Proposições não podem exprimir nada além.

6.421 É claro que a ética não se deixa exprimir. A ética é transcendental (Ética e estética são um só.). (WITTGENSTEIN, 1968, p. 127)

Embora não se aplique à linguagem cotidiana, a teoria lingüística que Wittgenstein defendeu no *Tractatus* foi de grande importância para o desenvolvimento da teoria da ciência e exerceu uma grande influência na lingüística.⁵ Para a filosofia, a importância do *Tractatus* se encontra no modo de abordagem dos problemas filosóficos. Já no prefácio do *Tractatus*, Wittgenstein afirmou:

[O livro] trata de problemas filosóficos e mostra, creio eu, que o questionar desses problemas repousa na má compreensão da lógica de nossa linguagem. Poder-se-ia apanhar todo o sentido do livro com estas palavras: em geral o que pode ser dito, o pode ser claramente, mas o que não se pode falar deve-se calar. (WITTGENSTEIN, 1968, p. 53)

Nesse sentido, o objetivo da filosofia seria então – ao contrário da tradição defendida pelo idealismo alemão – não o de elaborar doutrinas filosóficas, mas o de esclarecer as proposições. Certas doutrinas filosóficas repousariam no erro por apresentarem uma explicação do mundo que vai para além da experiência referencial. A ética e a metafísica, por exemplo, surgiriam da tentativa de dizer aquilo que não pode ser dito. Wittgenstein afirmou que uma análise apropriada da estrutura dos termos utilizados nos discursos, tanto da filosofia tradicional quanto da metafísica, revelaria o tal erro e solucionaria todos os problemas filosóficos. Não obstante, a referida análise dos termos dos discursos filosóficos não só ocuparia um lugar de destaque, como também seria a finalidade maior da filosofia, ou seja, a filosofia concentraria seus esforços na análise da estrutura lógica da linguagem. Sob a finalidade da filosofia, Wittgenstein diz:

A finalidade da filosofia é o esclarecimento lógico dos pensamentos. A filosofia não é teoria, mas atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente em comentários. A filosofia não resulta em "proposições filosóficas", mas em tornar claras as proposições. A filosofia deve tomar os pensamentos que, por assim dizer, são vagos e obscuros e torná-los claros e bem delimitados. (*Tractatus*, 4.112).

Como fica explícito na citação acima, no lugar de construções especulativas, a filosofia agora teria como finalidade o esclarecimento lógico dos pensamentos, em outras palavras, o esclarecimento da estrutura lógica da linguagem. Mas qual seria a estrutura lógica da linguagem? Como salienta Scruton (1982, p. 273), Wittgenstein dividiu a estrutura lógica da linguagem em sentenças de dois tipos, a saber, sentenças complexas e sentenças atômicas, sendo as primeiras constituídas das segundas.

As sentenças atômicas seriam aquelas que empregam os ‘primitivos’ da linguagem, i.e., os nomes e predicados elementares que servem para descrever o que Wittgenstein denominou de fatos atômicos. Nesse sentido, o constituinte mais básico do mundo é o correspondente à sentença atômica, que é o fato atômico.

⁵ HÜBNER, 1990, p. 195.

Por sua vez, os fatos complexos correspondem às proposições complexas e é necessária a compreensão da complexidade da linguagem usada para expressá-los. Tal complexidade é inteiramente proporcionada pela lógica fregeana e russeliana. Sobre as proposições complexas, adverte-se:

A característica mais importante das sentenças complexas é que os conectivos usados para construí-las devem ser veri-funcionais, ou seja, devem ser tais que o valor-de-verdade da sentença complexa seja inteiramente determinado pelos valores-de-verdade de suas partes. Trata-se do “princípio de extensionalidade” (...) que, de acordo com Wittgenstein, é uma pré-condição do pensamento e da análise lógica. (SCRUTON, 1982, p. 273).

Observa-se que a veracidade de uma sentença pode ser retirada de imediato das condições-de-verdades de suas partes, devido ao caráter veri-funcional das partes usadas em uma proposição. Em outras palavras, se houver a compreensão das partes veri-funcionais usadas em uma sentença, compreende-se a sentença por completo, i.e., compreendendo-se as partes compreende-se o todo.

De acordo com o princípio de extensionalidade veri-funcional, para uma sentença ser uma verdade lógica ela deve, ao haver a substituição de seus termos por componentes primitivos,⁶ continuar sendo verdadeira. Disso resulta o paradigma da verdade lógica do *Tractatus*, a saber, a tautologia veri-funcional:

Consideremos a sentença "p ou q". A definição de "ou" é: p ou q é falso se tanto p quanto q forem falsos e, em caso contrário, verdadeiro. A definição de "não" é a seguinte: não-p é verdadeiro se p é falso, e falso se p é verdadeiro. Isso quer dizer que a sentença "p ou não-p" é sempre verdadeira, qualquer que seja o valor-de-verdade de "p". Desse modo não importa como substituímos o termo primitivo "p", pois isso resultará sempre numa sentença verdadeira. As sentenças que assumirem tal forma são, portanto, necessariamente verdadeiras, podendo ser consideradas verdadeiras *a priori* por qualquer um que compreenda as operações lógicas da linguagem. (SCRUTON, 1982, p. 273).

Por meio dessa idéia de linguagem, Wittgenstein concluiu – como foi dito anteriormente - que a filosofia serviria apenas como tentativa de elucidação das confusões lingüísticas, não mais como teorização universal do mundo ou da vida humana. Os problemas filosóficos seriam pseudo-problemas pois não poderiam ser transcritos corretamente segundo o princípio de extensionalidade proposto pelo *Tractatus*, não haveria componentes primitivos para tais problemas. Desse modo, não haveria, assim, problemas filosóficos, somente elucidação de fatos:

Sentimos que, mesmo que *tôdas as possíveis* questões científicas fôssem respondidas, nossos problemas vitais não teriam sido tocados. Sem dúvida, não cabe mais pergunta alguma, e esta é precisamente a resposta. (WITTGENSTEIN, 1968, p. 129).

Devido a esta posição, a teoria de Wittgenstein pode ser aproximada dos ideais defendidos pelo positivismo lógico do Círculo de Viena, pelo qual todas as doutrinas metafísicas, éticas e teológicas seriam sem sentido, uma vez que não poderiam ser verificadas através do princípio de extensionalidade. Ressalta-se, ainda, que o ideal máximo do positivismo lógico, que prega que *o sentido de uma sentença* consiste em *seu método de*

⁶ Entende-se “componentes primitivos” como aquela parte que não admite qualquer definição anterior, ou seja, é o constituinte meramente dado na realidade.

verificação, foi retirado do Tractatus e tem como objetivo maior indicar a refutação do âmbito meramente especulativo da atividade filosófica.

No entanto, no concernente a teoria da linguagem do *Tractatus*, percebe-se que a avaliação feita por Wittgenstein sobre a linguagem gera profundos problemas teóricos e de compreensão. Um deles diz respeito à relação de figuração, ou seja, relação entre sentenças atômicas (frases) e fatos atômicos (coisas no mundo).⁷ Segundo Wittgenstein, tal relação não poderia ser descrita, mas apenas mostrada: deve-se mostrar o que é mais básico ou não será possível começar a descrição. Contudo, não fica claro na obra a noção que o autor tem do conceito “mostrar”. Segundo Scruton (1982, p. 274), a melhor maneira de compreender essa teoria – por vezes chamada de teoria figurativa do significado – “seja negar que podemos usar a linguagem para nos situarmos entre a linguagem e o mundo”.⁸ Há uma impossibilidade de avaliação pelas palavras da relação entre um fato atômico e uma preposição atômica, com exceção de quando se usa a preposição cuja validade se está a explicar. Será nessa lacuna deixada pela relação entre “dizer/mostrar” (“linguagem/mundo”) que Cabrera questionará a possibilidade da arte ser um caminho possível de solução, como se verá adiante.

2. A arte como alternativa ao problema

Como visto anteriormente, Wittgenstein acreditava que elementos relacionados à sensibilidade ou à emoção não poderiam ser expressos logicamente em uma proposição articulada, uma vez que tais problemas estariam fora dos limites da linguagem.⁹ Em outras palavras, questões éticas ou metafísicas, por exemplo, careceriam de sentido referencial e seriam pseudo-problemas. Assim, a partir de sua crítica das inadequações e confusões geradas pela linguagem, Wittgenstein propôs um meio de superá-las através de um simbolismo apropriado, um isomorfismo entre a linguagem e o mundo.¹⁰

A questão que se coloca agora, no entanto, é a seguinte: sobre que argumentos se sustenta a afirmação de que temas éticos (e alguns outros temas filosóficos) não podem ser expressos com pleno sentido na linguagem articulada das proposições? O que se perde ao fazê-lo? Poderia a arte tratar de problemas éticos e metafísicos? Estes são os problemas e as perspectivas principais que Julio Cabrera abordou em seu livro *O cinema pensa*, em um capítulo dedicado especialmente a filosofia de Wittgenstein¹¹.

Ainda respeito dos temas éticos, uma interessante passagem de Janik e Toulmin esclarece a posição de Wittgenstein:

Na ciência, pretendemos conhecer os fatos; nos problemas da vida, os fatos carecem de importância. Na vida, o que importa é a capacidade de responder ao sofrimento do próximo. A questão é sentir corretamente. A filosofia do *Tractatus* aponta para a direção de mostrar como é possível o

⁷ “Como o pensamento relaciona-se com o mundo e com a linguagem?[...] De alguma maneira, que não temos como saber, os símbolos são capazes de estabelecer as relações afigurantes a partir deles mesmos com o mundo. Outra maneira de responder à questão é dizer que quem estabelece as relações afigurantes entre os símbolos e o mundo é o sujeito. Não se trata, porém, de qualquer sujeito, mas do sujeito transcendental” (CORRÊA, 2009, 431-432).

⁸ SCRUTON, 1982, p. 274.

⁹ CABRERA, 2006, p. 366.

¹⁰ Sobre a noção de isomorfismo, o termo, em seu sentido literal, remete a uma correspondência biunívoca entre dois conjuntos, preservando as características de cada um: *isomorfismo* satisfaz a idéia de uma figura capaz de reproduzir fielmente, traço a traço, aquilo que é figurado, sem alterar as características deste último (SILVA, 2006, p. 63).

¹¹ “Wittgenstein, o cinema mudo e a diligência: o que é dito e o que só é mostrado (a questão dos limites da linguagem)” in CABRERA, 2006, p. 367-395.

‘conhecimento’. Mas, em sua visão de mundo, este conhecimento é relegado a segundo plano. O veículo com o qual transmitir o sentido, coisa que está no primeiro plano da vida, é o poema ou a fábula, Os contos de Tolstói impressionaram Wittgenstein de uma forma especial, a este respeito [...] o mesmo pode ser dito dos primeiros filmes do Oeste americano, que ele viu como fábulas ou moralidades.” (JANIK e TOULMIN apud CABRERA, 2006, p. 389).

Na linguagem do *Tractatus* não poderiam ser colocados temas éticos, como os problemas morais mostrados pelos poemas de Tolstói (1828-1910) ou pelos filmes de faroeste norte-americanos. Esta impossibilidade se dá não por ser impossível de se escrever tais problemas no papel, pois isso certamente é possível, mas por ser impossível a compreensão desses problemas somente com o que está presente no discurso escrito (referencial): necessita-se de uma mediação com algo sensível, provindo da experiência, mas que, no entanto, não pode ser referenciado (não há objeto referencial).

Cabrera ressalta essa necessidade da sensibilidade para se tratar as questões éticas e disserta nesse ponto sua tese: “É na mediação com algo sensível que consiste o ‘dizer do cinema’” (CABRERA, 2006, p. 389). O ‘mostrar’ artístico teria a função de ‘referenciar’ aquilo que a linguagem escrita não consegue. A arte (e não somente o cinema) poderia dar a sensibilidade que falta para a linguagem referencial. Para Cabrera, o cinema não somente apresenta personagens e fatos, mas também ‘dramatiza’ e os ‘coloca em cena’ e, dessa forma, cria um cenário narrativo que torna possível ‘vivenciar’ os personagens e os problemas morais ali representados. Dessa maneira, o cinema não só ofereceria um relatório objetivo dos acontecimentos, mas abriria uma forma de discurso que torna possível o entendimento de problemas éticos.

Ao tomar como base o filme *No tempo das diligências* (1939), de John Ford,¹² Cabrera afirma que filmes conseguiriam não somente ‘mostrar’ mas também ‘dizer’ (no sentido wittgensteiniano) algumas coisas que não podem ser ditas segundo a teoria da linguagem do *Tractatus*.¹³ Isto é possível devido ao caráter não literal do ‘silêncio’ filmico:

O silêncio de filmes como este [*No tempo das diligências*] não é literal, na verdade, eles guardam silêncio a respeito de atitudes volitivas diante do mundo que estariam, para Wittgenstein, fora dos limites da linguagem, tanto da muda como da falada. (CABRERA, 2006, p.389).

Para Cabrera, John Ford (e outros diretores do cinema) conseguiria dizer os temas que seriam sem sentido para a linguagem escrita articulada. Por ir além da distinção mudo/sonoro, a imagem cinematográfica, tanto no cinema mudo como no falado, conseguiria ir para além da linguagem de palavras proposta pelo *Tractatus*.¹⁴ Logo, segundo a concepção de Cabrera, o cinema transpassaria os limites da linguagem proposicional, uma vez que conseguiria mostrar e dizer o que a linguagem escrita não consegue¹⁵.

¹² John Ford (1894-1973) foi um cineasta norte-americano de grande renome da década de 1930 a 1960, conhecido principalmente pelos seus filmes *westerns* (faroeste).

¹³ CABRERA, 2006, p.389.

¹⁴ Uma possível associação poderia ser feita aqui com a teoria dos “jogos de linguagem”, proposta pelo segundo Wittgenstein, em sua obra póstuma *Investigações Filosóficas*. A linguagem do cinema poderia, dessa forma, ser um tipo “jogo de linguagem” específico, com regras próprias e que se diverge da linguagem escrita referencial proposta pelo primeiro Wittgenstein, no *Tractatus*.

¹⁵ Deve-se considerar que a tese de Cabrera se aproxima muito das idéias expostas por Wittgenstein na obra *Investigações Filosóficas* (segundo Wittgenstein). Pode-se fazer menção ao cinema como ‘jogo de linguagem’. No entanto, devido ao espaço, tal apontamento não será aqui trabalhado.

Contudo, assim como na linguagem referencial proposta pelo *Tractatus*, há também limites na linguagem cinematográfica. Cabrera ressalta esses limites ao usar o cinema mudo como exemplo: no cinema mudo não há distinção entre o que o ator faz e o que ele diz: tudo que ele diz é o que faz. Isso certamente representa um tipo de ‘limite de linguagem’¹⁶. Dessa forma, se encontrariam limites em todo tipo de linguagem e o cinema não seria uma exceção a regra:

É claro que todos os contrastes expressivos entre som e imagem, que até hoje estão sendo descobertos, não estavam ao alcance do cinema mudo, mas há muitas coisas que o cinema, mesmo atualmente, não consegue fazer como, por exemplo, expressar tudo o que Proust diria a respeito dos matizes de uma interioridade atormentada. (CABRERA, 2006, p. 381).

Porém, há um grave problema quando se absolutiza um tipo de linguagem juntamente com seus limites, como o fez Wittgenstein. É esse problema um dos pontos centrais da crítica feita por Cabrera. Sobre essa ‘absolutização da linguagem’, argumentou Cabrera:

As linguagens têm seus limites, é claro, mas o que não se pode dizer é que a ausência de palavras represente algum tipo de limite absoluto. Wittgenstein quis determinar os limites da linguagem de forma absoluta e definitiva. Mas os limites são relativos ao poder de expressão de cada linguagem e não existe uma linguagem privilegiada a partir da qual possamos julgar as capacidades de todas as outras. (CABRERA, 2006, p. 381).

Cabrera refuta a teoria de Wittgenstein devido a essa pretensa absolutização de um tipo específico de linguagem (linguagem referencial descritiva) e, contra isso, ressalta a particularidade expressiva de cada linguagem. A linguagem formal, discursiva e racional, seria apenas um tipo de linguagem entre tantos outros e, por isso, não estaria em um nível superior aos outros tipos de linguagem. Daí procede à conclusão de Cabrera que afirma que não há uma linguagem privilegiada que tenha a capacidade de julgar às outras.

Conclusões

Como foi visto ao decorrer do artigo, a tese que Wittgenstein sustentou em seu *Tractatus* era a de que elementos e problemas relacionados à sensibilidade ou à emoção (temas valorativos) não poderiam ser expressos logicamente em uma proposição articulada, uma vez que tais problemas estariam fora dos limites da linguagem e careceriam de sentido referencial. Nesse âmbito, Wittgenstein propôs um isomorfismo entre a linguagem e o mundo. Segundo a tese do *Tractatus*, não existiriam ‘problemas filosóficos’ e, por isso, caberia a filosofia apenas esclarecer possíveis confusões provindas da linguagem.

Contudo, percebeu-se que a tese do *Tractatus* abre margem para alguns problemas que se encontram fora dos limites da linguagem como, por exemplo, o problema da relação de figuração entre sentenças e fatos atômicos. Foi nessa lacuna que Cabrera desenvolveu sua tese que contra-argumenta as idéias expostas por Wittgenstein.

Uma vez que se observa a necessidade de algo sensível - que é impossível na linguagem referencial - para o tratamento das questões éticas, Cabrera apontou a linguagem artística como uma linguagem que possibilita tratar tais questões, pois poderia se referenciar problemas éticos no cinema.

¹⁶ CABRERA, 2006, p.381.

O que Cabrera argumentou em sua tese, entretanto, é que o cinema conseguiria não apenas ‘mostrar’ no sentido wittgensteiniano do termo, mas também ‘dizer’ os problemas que ficariam fora da linguagem proposicional. Dessa forma, o cinema além de mostrar alguns dos problemas filosóficos (problemas éticos, por exemplo), também serviria como caminho de discussão e debate de tais temas e fundamentaria, por sua vez, os discursos filosóficos renegados pelo Tractatus.

Percebe-se que é aceitável a crítica da Cabrera ao primeiro Wittgenstein, principalmente no que se refere à absolutização de um tipo de linguagem. Logo, nota-se que a linguagem formal seria apenas um tipo de linguagem e, por este motivo, não estaria em um nível superior em relação aos outros tipos de linguagem. Saliencia-se ainda que os limites de uma linguagem não podem e não devem ser passados para outro tipo de linguagem.

Por fim, deixa-se uma abertura em relação à aproximação teórica da tese de Julio Cabrera, exposta na obra *O Cinema Pensa*, e a do segundo Wittgenstein, exposta nas *Investigações Filosóficas*. Nesse sentido, a linguagem artística cinematográfica teria uma íntima relação com a idéia de ‘jogo de linguagem’ proposto pelo filósofo de Viena, principalmente devido à estrutura lógica particular da linguagem da arte e por suas aberturas epistemológicas e de interpretação.

Referências bibliográficas

- CABRERA, Julio. *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes*. Trad. Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- CORRÊA, Rogerio. “Pensamento e figuração no Tractatus Logico-Philosophicus”, in *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 29, pp. 425-435, 2009
- HINTIKKA, Jaakko. *Uma investigação sobre Wittgenstein*. Trad. Enid Dobranszky – Campinas: Papirus, 1994.
- HÜBNER, Haulf. “Ponto de Vista. Wittgenstein ou o fim da filosofia”, in *Revista Psicologia USP*, São Paulo, pp. 195-198, 1990.
- SCRUTON, Roger. *Introdução à filosofia moderna de Descartes a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- STERN, David. *Wittgenstein. Philosophical Investigations: an introduction*. Cambridge: Cambridge U.P, 2004.
- SILVA, José Fernando da. “Wittgenstein e o Empirismo Lógico: Considerações sobre o papel da Filosofia”, in *Revista Técnica IPEP*. São Paulo, v.6, n.2, pp 61-74, ago/dez 2006.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Trad. José Arthur Giannotti. São Paulo: Ed. USP, 1968.